



Octavio Brandão: a saga de um jornalista ecologista e comunista no século XX¹

Magnólia Rejane Andrade dos SANTOS²
José Gildo da Silva JÚNIOR³
Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

Resumo

O artigo apresenta um estudo sobre a vida e obra do jornalista alagoano Octavio Brandão, um dos fundadores do Partido Comunista e autor do primeiro livro brasileiro sobre ecologia, intitulado *Canais e Lagoas* (2001). Esta é a primeira etapa da pesquisa sobre o trabalho pioneiro, realizado por Octavio Brandão, ao escrever textos de cunho político, científico e ambiental, ao mesmo tempo, utilizando uma linguagem literária diferenciada. A ideia do projeto, na sua totalidade, é estabelecer um diálogo teórico com Castro (2010), Ferreira Jr. (2004) e Bueno (2007) para discutir o conceito contemporâneo de gêneros jornalísticos, de forma retroativa, no conjunto da obra plural do autor. Para compreender a prática jornalística de Brandão, recorreremos a Barros (1996) e Plancherel (1997), onde delineamos o contexto histórico, sociopolítico e cultural em que o autor cresceu e atuou em vida, os fatores condicionantes que o formaram como pessoa, cidadão e jornalista. Nesta comunicação, reconstruímos o percurso biográfico de Brandão desde o seu nascimento, em 1896, na cidade alagoana de Viçosa, passando pela juventude em Maceió e Recife, até sua vida adulta no Rio de Janeiro, quando foi deportado, em 1931, e passou a viver na União Soviética. Em todos os aspectos da vida desse personagem, observamos a coerência de uma existência marcada pelo sofrimento, censura e perseguição política.

Palavras-chave

Jornalismo; História; Imprensa; Comunismo; Ecologia

Formação aristocrática

Nascido em 12 de setembro de 1896, na cidade de Viçosa, Zona da Mata de Alagoas, Octavio Brandão faz parte de uma família de médicos, historiadores, senhores de engenho e farmacêuticos. Ainda muito cedo, o intelectual teve de conviver com a dor de perdas irreparáveis, já que, aos 4 anos de idade, perdeu a mãe, Maria Loureiro

¹Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 2 a 4 de julho de 2015.

²Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Alagoas. Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: magnoliasantos@hotmail.com

³Bolsista Pibic CNPq/UFAL/FAPEAL e estudante de graduação em Jornalismo pela Universidade Federal de Alagoas. E-mail: gildojunior1993@hotmail.com



Brandão Rego, com sete meses depois, o avô materno, e , aos 15, o pai, Manoel Côrrea de Mello Rego.

Em *Combates e Batalhas* (1978), uma de suas obras mais importantes, ele relata a perda da mãe e revela o quanto a ausência de sua genitora influenciou sua vida. "Entrei na vida pela porta da orfandade e da amargura. Conservei na memória a visão trágica e terrível. E guardei no coração, a vida inteira, a imagem sempre viva e dolorosa, a imagem sublime de Mamãe - morta! (Apud in AZEVEDO, 2013)".

No artigo intitulado de *Memória e História: A Formação Política do Intelectual Octávio Brandão (1896 - 1919)*, o historiador Denilton Novais Azevedo traça um panorama sobre a vida do alagoano até os 23 anos de idade. Conforme o autor, como grande parte da sociedade, a família de Brandão era adepta ao Catolicismo - o que resultou numa criação rígida. Os valores conservadores transferidos ao jovem acompanharam-no por toda vida.

[...] Meu pai era severo demais. Sua severidade teve lados positivos. Fui criado num ambiente de pureza moral, de respeito às moças e às senhoras. Deste modo, livre-me das más companhias. Não convivi com meninos deformados e viciados (Apud in AZEVEDO, 2013).

Na coletânea de cartas do poeta Jorge de Lima, amigo íntimo de Brandão desde a época da escola, Azevedo constatou que muitos parentes do jovem político também exerciam cargos de destaque na Igreja Católica.

Há na sua linhagem muita gente fiel à Igreja, magnificamente ao lado de Cristo: D. Antonio Brandão - primeiro bispo de Alagoas, D. Avelar Brandão - bispo de Petrolina, Pe. Eloy - diretor espiritual do Seminário de Maceió, Vigário Francisco de Borja Barros Loureiro, irmão de sua avó [...] (Apud in AZEVEDO, 2013)".

Em Viçosa, Brandão cresceu frequentando a farmácia popular do pai, onde ajudava a atender os clientes. Segundo Azevedo, embora o intelectual fizesse parte de uma família com poderes aquisitivos, provavelmente, o negócio era pouco rentável, já que “recebia clientes paupérrimos de todas as partes do Sertão alagoano”.

[...] Vinham camponeses semi-servos, caboclos dos engenhos de açúcar, vaqueiros das fazendas de gado, tangerinos dos altos sertões. Contavam-me lendas, histórias e narrativas sobre as lutas dos antigos índios e a vida dos trabalhadores contemporâneos. (Apud in AZEVEDO, 2013).



Embora Brandão tenha vivido sua militância política com mais intensidade no Rio de Janeiro e em campos de batalha na Europa, conforme veremos adiante, os estudos de BARROS (1996) e PLANCHEREL (1997) mostram que sua formação política teve grande influência de seu pai - um dos vereadores da Câmara Municipal que aderiram à República e que desistiu de seguir carreira no novo regime por se opor aos primeiros governos.

De seu genitor, herdava ainda Octavio Brandão as noções iniciais de valores ético-morais quando, por exemplo, ouvia-o dizer-lhe sobre a necessidade de sempre combater o preconceito racial, as injustiças sociais e a hipocrisia, inclusive, de natureza religiosa. Como Octávio Brandão mesmo conta, em suas memórias autobiográficas *Combates e Batalhas* (1978), tanto as ideias socialmente progressistas do lado paterno, quanto as condições concretas de vida dos trabalhadores que frequentavam a farmácia, tiveram anos mais tarde grande influência na formação do seu espírito, inicialmente, nacionalista e, posteriormente, anticapitalista, libertário e comunista (PLANCHEREL, 1997, p. 74).

Com a morte do pai, em 1911, Octavio Brandão passa a ser tutelado pelo tio, o médico Alfredo Brandão. A partir daí, estudou no Colégio 11 de Janeiro e no Colégio Diocesano dos Irmãos Maristas, sendo este último de procedência francesa, o que obrigou Brandão a dominar o idioma da França. Este aprendizado foi muito útil e garantiu ao jovem o título de primeiro tradutor de *O Manifesto Comunista*, de Marx, em 1923, no Rio de Janeiro.

Pobre, mas de descendência aristocrática, Octavio Brandão teve acesso a uma educação diferenciada. Antes de cursar a graduação de Farmácia, ele já havia lido obras de requinte literário, a exemplo de *Os Lusíadas*, sonetos de Luís de Camões, as *Cartas Familiares* e *Bilhetes de Paris*, de Eça de Queiroz, *Germinal*, de Émile Zola etc. Os livros eram retirados da biblioteca de Alfredo Brandão, sem que ele percebesse.

Farmacêutico caboclo (1912-1914)

Em 1912, o “caboclo nordestino”, como gostava de ser chamado, segue para Recife, onde se graduou em Farmácia, em 1914. Na capital pernambucana, o alagoano dedicou-se ao estudo de ciências naturais e sociais, além de buscar referências em obras literárias e filosóficas – o que explica o caráter humanístico de suas produções.



Durante sua estadia em Pernambuco (1912-1914), na Escola de Farmácia do Recife, ele pôde explorar, livremente, a literatura e as ciências naturais – áreas pelas quais se interessava muito. "Gozava de plena liberdade. Estudava intensa e apaixonadamente as ciências naturais. Aspirava a ser naturalista. Sentia a paixão mais ardente pela ciência e a literatura, a vida e a natureza (Apud in AZEVEDO, 2013)". O período da graduação também foi considerado pelo alagoano como o momento que precisava para conquistar sua autonomia intelectual e política.

Dei o primeiro passo libertador. Tornei-me partidário do materialismo filosófico - científico naturalista. Era o resultado de um lento processo que vinha desenvolvendo-se há tempos. Coloquei um primeiro marco na vida. Abri uma perspectiva. Comecei a forjar o próprio destino, em nome do materialismo filosófico. Rompi com o passado morto, com o misticismo católico, feudal e reacionário da Idade Média europeia - fruto exótico, estranho ao Brasil, mercadoria trazida da Europa pelos exploradores e opressores portugueses, escravistas e colonialistas (Apud in AZEVEDO, 2013).

De acordo com Azevedo, o materialismo filosófico e naturalista ao qual Brandão fez referência nasceu da obra *Force et Matière: Études Populaires D'Histoire et De Philosophie Naturelles* (Força e Matéria na História e Educação Popular da Filosofia Natural), do médico, cientista-naturalista e filósofo alemão, Christian Ludwig Büchner (1824 - 1899), cuja primeira edição passou a circular no Brasil a partir de 1869.

Segundo Plancherel, a concepção do materialismo naturalista contribuiu para que, a partir de 1920, Brandão se aproximasse do materialismo histórico. Foi o amigo e companheiro de militância política Astrojildo Pereira que apresentou as obras de Marx, Engels e Lenin. Com tais estudos, Octavio Brandão fundamentou toda sua trajetória política (PLANCHEREL, 1997, P.76).

A inquietude provocada pela leitura dos autores mencionados fez com que Brandão, em decorrência de seu caráter humanístico, procurasse conhecer um pouco mais sobre a história do Brasil. Para tanto, procurou referências em autores como Euclides da Cunha, que conquistou a admiração do jovem por sua escrita realista, Castro Alves, com toda sua inspiração romântica, e Tiradentes, sendo este último fonte intensa de inspiração de ideais progressistas.

Nesses autores, romanticamente, procurava uma forma heróica de viver a realidade brasileira, com o objetivo de transformá-la, tornando-a socialmente mais justa para homens e mulheres com quem convivia nos engenhos, nos mangues e nas cidades (BARROS, 1996, p.22).



Em Recife, Brandão também realizou estudos sobre o Quilombo dos Palmares – o que permitiu com que ele ajudasse ao tio, o historiador Alfredo Brandão, a concluir um capítulo da obra “A vida no engenho: Viçosa de Alagoas (1914)”. O livro, de caráter vanguardista, trata sobre as populações quilombolas das proximidades de Viçosa, no período da colonização portuguesa.

Ainda em 1914, Octavio Brandão publica, no *Jornal do Recife*, um estudo intitulado de *Aspectos pernambucanos nos fins do século XVI*. O trabalho sintetiza pesquisas sobre a história de Pernambuco, particularmente em seus aspectos naturais e socioeconômicos. Segundo Plancharel, neste mesmo ano o jornalista estreante Octávio Brandão publica mais três artigos sobre o período colonial de Pernambuco. Os trabalhos foram divulgados também na revista científica do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco (PLANCHEREL, 1997, p.77).

Em 8 de outubro do mesmo ano, com a colaboração do jornalista Mário Melo, o alagoano publicou, no *Diário de Pernambuco*, o soneto “A Morte de Zumbi” – um trabalho que enaltece o espírito combativo do líder dos Palmares. Já no mês de dezembro, como pré-requisito de sua formação em Farmácia, ele apresentou um estudo sobre as propriedades curativas da erva-cidreira (AZEVEDO, 2013).

Retorno a Alagoas (1915 – 1919)

No início de 1915, Brandão retorna a Viçosa e hospeda-se na casa do médico e tio Manuel Brandão, que lhe ofereceu um emprego provisório em sua farmácia. Ainda neste ano, o jovem segue para Maceió, pela segunda vez, para inaugurar seu próprio negócio, a farmácia Pasteur, no bairro da Levada (AZEVEDO, 2013). Na zona sul de Maceió - região marcada pela pobreza extrema - o olhar social do jovem tornou-se ainda mais aguçado. Em contato com pessoas simples, ele acompanhou de perto o abandono do Estado com os desfavorecidos economicamente. As dificuldades na saúde, educação e direitos trabalhistas eram enormes.

Motivado pelos conhecimentos adquiridos na faculdade, já no primeiro ano de seu retorno a Maceió, Brandão publicou, no *Jornal de Alagoas*, uma série de versos e poemas que exaltavam as riquezas de Alagoas e do Brasil e, principalmente, a libertação do homem. Os trabalhos resultaram, em 1996, na obra *Forças Encandeadas II* (poesias). Além destes trabalhos, Brandão fez críticas severas aos intelectuais da época.



Influenciado pelos ideais românticos de Castro Alves e do realismo de Euclides da Cunha, afirmava:

[Que muitos intelectuais] Menosprezavam Alagoas e o Brasil. Abstraíam-se dos problemas sociais, nacionais e internacionais. Nada tinham de realistas, isto é, não partiam da realidade viva, concreta, palpitante, em perene movimento, desenvolvimento e transformação (Apud in AZEVEDO, 2013).

Em abril de 1916, a preocupação com a valorização dos recursos naturais e culturais de Alagoas, bem como com a exploração dos trabalhadores rurais e da indústria têxtil, fez com que Brandão iniciasse uma série de excursões por Alagoas, a fim de estudar profundamente tais recursos e a condição de vida do povo. Para desenvolver suas pesquisas, onde explorou seus conhecimentos desde as ciências naturais até a literatura, o jovem percorreu 1500 quilômetros, dos quais 600 foram a pé e os demais a cavalo. O resultado dessas andanças pode ser conferido na obra ecológica pioneira *Canais e Lagoas*, editada pela primeira vez em 1919, no Rio de Janeiro.

O autor era um patriota brasileiro, um humanista e um revoltado, em caminho de ser um revolucionário. Sentia, no coração, um grande amor pela humanidade. Desejava dar aos homens toda a alegria e felicidade possíveis (BRANDÃO, 2001, p. 169).

Com grande parte dos resultados em mãos, o jovem deu início à divulgação de seus trabalhos. Para tanto, realizou duas conferências em Maceió; a primeira em 22 de fevereiro de 1917, no Teatro Deodoro e, a segunda, em 12 de outubro de 1917, na sede do Instituto Arqueológico e Geográfico Alagoano. Durante as apresentações, ele discorreu sobre as riquezas naturais da região dos canais e das lagoas, as condições de vida do povo, bem como a respeito da presença de petróleo em partes do estado, numa época em que a existência do mineral era descartada no País. “Por conseguinte, já a 12 de outubro de 1917, foi refutada a alegação infame: ‘O Brasil não tem petróleo’ (BRANDÃO, 2001, p.12)”. Brandão pode ser considerado pioneiro na luta pelo petróleo no País. Além das conferências realizadas na capital alagoana, ele ministrou outras na Biblioteca Nacional e na Sociedade de Geografia, no Rio de Janeiro, concedeu entrevistas e publicou artigos em jornais cariocas. (BRANDÃO, 2001, pags. 12-14).

Outro problema atual e que não passou despercebido pelo filtro crítico de Brandão era a falta de incentivo à cultura em Alagoas. Segundo ele, o abandono dos governantes já funcionava como uma espécie de “balde de água fria” para a expressão



de artistas da terra. Em *Canais e Lagoas*, o intelectual avalia o trabalho de escultores que produziam estátuas e vasos com barro massapê e afirma: “É uma arte genuinamente alagoana que se esboça e que mereceria o auxílio dos poderes competentes (BRANDÃO, 2001, p. 73)”.

Na obra, o alagoano também evidencia seu desapontamento com a ausência de políticas públicas na área da saúde, já que doenças provenientes da contaminação da água afetavam, principalmente, a população mais carente. Ele também preconiza a importância da reforma agrária para o desenvolvimento econômico do estado e aponta, ainda que superficialmente, uma solução para os problemas. “São necessárias algumas noções de higiene, uma certa instrução e maior repartição da terra, de modo que o trabalhador de enxada fique preso a ela, e não trabalhando em terra alheira (BRANDÃO, 2001, p.142)”.

Durante estes percursos, Brandão se dividia entre os estudos e a conscientização dos trabalhadores rurais e da indústria. Nesta época, conforme Luitgarde Barros, já havia um período de certa riqueza no Estado, considerando a existência de cinco fábricas de tecido até o final do século XIX e a criação de mais cinco até 1914. Além disso, a agroindústria açucareira já era consolidada e surgiam pequenas fábricas de sapatos e alimentos.

Preguei o dia de oito horas, então prejudiquei os interesses da burguesia, porque nas fábricas as pessoas trabalhavam 12, 14 horas e viviam do salário. Não podiam plantar nada. O salário era muito pouco. Então, a burguesia ficou indignada, porque eu preguei o dia de 8 horas, além do salário e a organização sindical. Preguei desde os 18 [anos] numa organização chamada de Congregação Libertadora da Terra e do Homem. O nome já indica. Preguei a divisão das terras para beneficiar os trabalhadores de enxada. Saí por aqueles engenhos e fazendas “metendo” ideias na cabeça dos trabalhadores, até dos trabalhadores de enxada (ARQUIVO EDGARD LEUENROTH – UNICAMP).

Embora Octavio Brandão tenha se dedicado à militância, não se pode afirmar que ele tenha sido pioneiro – como na luta pelo petróleo – nos movimentos trabalhistas em Alagoas. Isto porque, ainda segundo a pesquisa de Barros, a organização sindical já possuía certa consistência. Afinal, em 21 de dezembro de 1890, surgia o Partido Operário Alagoano; em 29 de maio de 1892, a Liga Operária Alagoana; em 20 de agosto de 1893, o Partido Operário Socialista do Estado de Alagoas, filiado ao Partido Operário Brasileiro, sendo este responsável pelo primeiro lançamento do jornal *O Proletário*, em 22 de outubro de 1893. (BARROS, 1996, p.21).



A entrada de Octavio Brandão na militância , segundo a pesquisadora Luitgarde Barros (p.23) – embora seja preciso considerar a influência do pai-, é de responsabilidade do jornalista Antônio Bernardo Canellas, sendo este contratado por Manuel Brandão para produzir os materiais de propaganda de seu Cinema Aliança, montado em 1916, na cidade de Viçosa.

Conforme relatos concedidos a Barros pelo folclorista Théo Brandão, filho de Manuel Brandão, a gráfica onde os materiais de divulgação eram confeccionados serviu de ponto de encontro para conversas duradoras entre o primo e o funcionário de seu pai. De formação política de viés esquerdista, Canellas pediu ao chefe para imprimir, na pequena gráfica, o jornal *Tribuna do Povo* – espaço midiático utilizado, sobretudo, para publicar seus artigos de filosofia anarquista.

Em consulta ao historiador Moacyr Sant’Ana, Barros constatou que apenas 18 exemplares do jornal *Tribuna do Povo* foram publicados em Viçosa, já que Canellas mudou-se para Maceió, publicando no dia 30 de março de 1917 o primeiro número de *A Semana Social*. Ao lado de Octavio Brandão, que escrevia artigos de opinião no veículo, Canellas apresentou oposição à participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial - o que despertou a desaprovação da população, fazendo com que o jornal fosse fechado.

Desde que conheceu o jornalista Antônio Bernardo Canellas, Octavio Brandão deu início à sua militância para beneficiar os trabalhadores e miseráveis de Alagoas. Nesta época, o jovem farmacêutico bombardeou as estruturas da elite alagoana, da qual sua família fazia parte, com o intuito de estabelecer uma cultura operária. Ele realizou palestras sobre as riquezas naturais, defendeu a reforma agrária e o estabelecimento de uma carga horária de trabalho de oito horas por dia.

Mesmo assim, por causa de seu pensamento libertário em defesa da classe trabalhadora de Alagoas e da exploração do petróleo, Brandão foi perseguido pelos poderosos da época, que eram atingidos social e economicamente por suas “pregações”. Além disso, sofreu ameaça de populares por proferir críticas contra os valores cristãos. “Qual o meu ‘crime ?’ Pensar livremente, defender ideias avançadas, ter aderido ao movimento operário em 1917, auxiliar os sindicatos e sustentar o direito dos trabalhadores! (BRANDÃO, 2001, p.165)”. O engajamento com as causas sociais fez com que Brandão fosse empurrado ao ostracismo. Ele sentiu-se abandonado tanto por conhecidos quanto pela própria família. “... inúmeros conterrâneos a reprovarem minha



‘rebeldia’; ‘amigos’ que me aconselhavam a abandonar as ideias e a recolher-me a um silêncio covarde... (BRANDÃO, 2001, p. 167)”.

O jovem militante também passou a ser agredido moralmente pela imprensa conservadora, que antes elogiava suas ideias. Ele foi preso, em Maceió, e ameaçado de morte pelo então Secretário do Interior, Manuel Moreira e Silva – fato que o obrigou a isolar-se e, depois, fugir para o Rio de Janeiro, com o nome mudado, em 18 de maio de 1919.

O secretário do Interior de Alagoas – Manuel Moreira e Silva- levado pelo seu espírito reacionário como também pela inveja e outros sentimentos mesquinhos, depois de mandar encarcerar-me, disse aos meus parentes que, se eu continuasse com as mesmas ideias, seria preso novamente e sairia debaixo de facão. Além disso, afirmou categoricamente: ‘Não me responsabilizo pela vida de Octávio Brandão’. A ameaça era claríssima. Eu seria assassinado e o crime ficaria impune, como tantos outros! (BRANDÃO, 2001, P.167-168).

Militância comunista

No Rio de Janeiro, Octavio Brandão deu continuidade à luta anarquista iniciada em Alagoas. Isto pode ser conferido na obra *Octávio Brandão: centenário de um militante na Memória do Rio de Janeiro*, onde Luitgarde Barros resgata os aspectos mais importantes da trajetória do alagoano, que tem sua história entrelaçada com o contexto social do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século passado.

Para tanto, a pesquisadora partiu da perspectiva de Pierre Nova: “O que fica do passado no vivido pelos grupos, ou o que os grupos fazem do passado”, o que permite concluir, ainda segundo Barros, que a memória de Octávio Brandão é homóloga, ou seja, semelhante à dos grupos de trabalhadores e marginalizados na luta por justiça social (1996:17).

Cheguei ao Rio de Janeiro e olhei a situação do proletariado. Os sindicatos dirigidos pelos chamados “amarelos”, traidores, policiais, fundadores e esmagadores de greve ligados ao governo, pagos pela polícia. Daí, então, o anarquismo. Eu já tinha lido sobre o assunto e permaneci anarquista por dois anos e meio (ARQUIVO EDGARD LEUENROTH – UNICAMP).

Outra perspectiva utilizada por Barros foi a de Henri Bergson, que compreende memória como “reconstituição de imagens”. Nesse sentido, resgatar a militância política, parlamentar e partidária de Brandão é reconstituir a história de exclusão social de um Rio de Janeiro “angustiado, insurreto e sacrificado das populações mais pobres



nas décadas de vinte e depois, de quarenta e oitenta anos deste século (BARROS, 1996, p. 17)".

Toda a trajetória política de Brandão, como bem acentua a autora citada anteriormente, foi inspirada em “Moradores de favela, sapateiros, alfaiates, comerciários, garçonetes, operários de fábricas, moradores de subúrbios e agricultores do ‘sertão carioca’”. Esses interlocutores galvanizaram não só sua prática de vida, mas, também, sua produção intelectual.

Particpei daquelas greves, daquelas lutas, ajudando os operários, fazendo conferências no Rio de Janeiro, em São Paulo, Niterói, Juiz de Fora, Petrópolis, além de chamar os operários à luta e à organização. Minha Laura também (ARQUIVO EDGARD LEUENROTH – UNICAMP).

Uma das causas que certamente influenciou o alagoano a escolher o Rio de Janeiro quando planejou fugir de Alagoas – além, claro, de possuir recursos financeiros - era a centralização da produção cultural e intelectual do País no local. Nas primeiras décadas do século passado, era comum o processo migratório de jovens para o Rio, a fim de se aproximarem dos grupos intelectuais da época.

Capital do Império e depois da República, o Rio de Janeiro concentrava não só os órgãos oficiais onde se processavam as decisões políticas – Ministérios, Senado, Câmara Federal e sede da Presidência, mas o próprio clima de debate de fatos e ideias que empolgava até mesmo o homem comum prestador de serviços nas repartições públicas, nos jornais e no entorno dos homens importantes (BARROS, 1996, P. 19).

Octavio Brandão chegou a ser prejudicado novamente por Moreira e Silva, durante uma passagem do inimigo antigo pelo Rio. O jovem farmacêutico realizou duas conferências na sede da Sociedade de Geografia sobre a região dos Canais e das Lagoas e planejou ministrar outra, mas, como ele mesmo relata, “no dia e hora anunciados, encontrou a porta fechada. O secretário do Interior de Alagoas, de passagem pelo Rio de Janeiro, tinha feito novas intrigas. Os diretores da Sociedade de Geografia temiam os espíritos avançados e boicotara o conferencista. Apesar de tudo, a terceira conferência realizou-se (BRANDÃO, 2001, p. 170)”. Outras tentativas de realizar apresentações foram frustradas.



Decidido a publicar *Canais e Lagoas*, o jovem farmacêutico procurou vários editores, mas encontrou as portas fechadas. Com isso, teve de publicar a obra com suas economias feitas no Nordeste. O dinheiro só rendeu a impressão de 500 exemplares (BRANDÃO, 2001, p. 170). No entanto, segundo Brandão, *Canais e Lagoas* recebeu o apoio da poetisa Laura da Fonseca e Silva, que, em 1921, se tornaria sua esposa e passaria a ser conhecida como Laura Brandão. Além desta, intelectuais como Monteiro Lobato, Nestor Victor, José Oiticica, Lima Barreto, José do Patrocínio Filho e Faustino de Oliveira incentivaram o trabalho do jovem militante.

Na opinião do escritor Monteiro Lobato (1919), “em Octavio Brandão, os seus 20 anos juntaram a surpresa da ciência à surpresa da vida. Os defeitos do livro são decorrentes do excesso de qualidades. Há inúmeras páginas cheias de uma beleza estranha, de um fulgor inédito, que, às vezes, deslumbra (BRANDÃO, 2001, p. 181)” *Canais e Lagoas* impressiona pela grandeza de um vocabulário indiscutivelmente genuíno, considerando a pouca idade do autor no período em que foi produzido. Esta qualidade também chamou a atenção do historiador Rocha Pombo, que, em 1918, comentou a obra.

Octavio Brandão é um jovem de 21 anos e já espírito forte e de rara erudição, sobretudo em ciências naturais e história. É um caso singular. É um moço de inteligência lucidíssima e dispendo de recursos de expressão admiráveis na sua idade (BRANDÃO, 2001, p. 179).

Ao fugir de Alagoas, o militante acreditava que seria reconhecido socialmente por seus esforços, já que o Rio de Janeiro era o Centro do País. Entretanto, as perseguições da “polícia política” e da “elite intelectual” só aumentaram, visto que associavam a imagem do alagoano à de arruaceiros e perturbadores da ordem. Em várias produções, Brandão desabafou sobre o clima de hostilidade vivido por ele.

Amargurado com o resultado dos esforços, o autor, durante anos, não pode se quer lançar um olhar sobre o livro, vítima de tantos reveses. O esforço foi enorme, mas o resultado insignificante. Os ‘críticos’ mais célebres decidiram que *Canais e Lagoas* nada valia, que a realização não tinha correspondido à esperança, que o esforço tinha sido inútil e seria ainda mais inútil fazer novas tentativas (BRANDÃO, 2001, p. 173).

Em 1921, Brandão abandona as ideias anarquistas depois de dois anos e meio de militância. “Fui libertário, anarquista revolucionário em 1919-1921 (Apud in PLANCHEREL, 1997, p.81).” Sua decisão causou desaprovação de vários amigos adeptos à corrente política, que o consideraram como traidor:



Bem, então, tu és um traidor dos anarquistas. Tu és um traidor. Tu queres fazer carreira, queres ser deputado. Falso, falso, falso! Eu não penso em nada disso. É uma questão de princípios. [...] sempre tratamos muito bem os “anarcos” que estavam enganados, mas que eram pessoas honestas, sinceras, como Oiticica, Fábio Luz, Flaventino de Carvalho, Edgard Leuenroth. Sempre os tratamos bem, mas a análise teórica mostrou que o Anarquismo faliu (ARQUIVO EDGARD LEUENROTH – UNICAMP).

Já em outubro de 1922, o alagoano compõe o grupo de militantes que criou o Partido Comunista Brasileiro (PCB), representação que desempenhou um papel importante na luta pelos direitos dos trabalhadores. Com o aval do PCB, em 1927, foi formado o Bloco Operário (BO), já que o partido havia sido posto na ilegalidade. Entretanto, o BO foi renomeado de Bloco Operário Camponês (BOC), uma vez que era confundido com o PCB.

No ano seguinte, mais precisamente em outubro, Octavio Brandão foi eleito intendente pelo Distrito Federal por meio do BOC, ao lado do marmorista Minervino de Oliveira. Eles passaram a fazer parte do Conselho Municipal do Distrito Federal. Vitoriosos, construíram uma relação mais próxima e realizaram o primeiro Congresso Nacional do BOC.

A vitória nas eleições foi resultado de uma forte campanha eleitoral dos dois militantes em portas de fábricas da Gávea e do Jardim Botânico, além de redutos de operários na própria capital. É importante citar que o jornal *A Classe Operária* era publicado com grande propaganda eleitoral, além de ser um veículo de denúncia das repressões sofridas pelos trabalhadores e seus representantes no governo de Washington Luís.

Por defender os direitos dos trabalhadores, Octavio Brandão e Minervino de Oliveira tornaram-se “exatamente dois dos principais alvos de violência do governo, tanto durante o Estado de Sítio, quanto no período de convocação eleitoral, caracterizado pelas provocações de agentes infiltrados e pela prisão de centenas de operários (BARROS, 1996, p.37)”. Oliveira chegou a ser preso em junho de 1929, sendo libertado por causa da intervenção da Mesa do Conselho.

Segundo Barros, “entre 1922 e 1927, Octávio Brandão constituiu família, filiou-se a um partido político, arruinou-se financeiramente, perdeu a identidade profissional de farmacêutico, afastou-se das Associações Científicas, foi aprendiz de gráfico,



linotipista, baixo funcionário de repartição e operário de fábrica, divulgando material do Partido, enquanto ganhava o sustento de casa (BARROS, 1996, p. 33)”.

Além de ser perseguido politicamente, conforme a pesquisadora, “nos arquivos da repressão ele está registrado como um ‘perigoso homem do Partido Comunista’. A polícia faz sua vida a de um acossado, sem direito à paz, à estabilidade em emprego, à tranquilidade familiar (Barros, 1996, p. 33)”. Em 1931, a família é expulsa pela ditadura de Getúlio Vargas. Eles vão para a Alemanha e, em seguida, são levados para a União Soviética, onde chegam a participar da Segunda Guerra Mundial.

Considerações parciais

Nesta primeira parte do trabalho, foi exposto um breve recorte da vida de Octavio Brandão entre 1896 e 1931, ano em que foi exilado com sua família para a Europa. O resgate foi importante para obtermos argumentos que serão utilizados na segunda etapa da pesquisa, principalmente na análise da coletânea de *Cartas de Octávio Brandão – Memória*, organizada por J.R. Guedes de Oliveira, entre outros, documentos.

Ainda pretendemos completar a biografia a partir de 1931, acrescentando detalhes sobre as experiências do intelectual na Europa, bem como no Brasil, após seu retorno em 1946. Abordaremos ainda o trabalho de Brandão enquanto vereador do Rio de Janeiro, em 1947, cujo mandato teve como foco melhorias no abastecimento, transporte, educação, habitação e saúde.

Embora o espaço de uma comunicação científica seja insuficiente para discorrer sobre a longa trajetória de vida de Octavio Brandão, é interessante chamar a atenção para a utilização que ele fez do Jornalismo como forma de potencializar sua militância política e intelectual – o que permite afirmar que Brandão, naturalmente, tornou-se um jornalista. Mais que isso, ele tornou-se artífice de uma linguagem jornalística poética, impregnada de paixão e ideais.

Referências bibliográficas

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti (Org.) . **Octavio Brandão, Centenário de um Militante na Memória do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UERJ/Dep. Cultural, 1996.

BRANDÃO, Ocatávio. **O caminho**. Maceió: Edufal, 2007.

_____. **Canais e Lagoas**. Maceió: Edufal, 2001.



- _____. **Agrarismo e Industrialismo**. 2 ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2006
- BRANDÃO, Octávio. **Combates e batalhas**. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.
- BUENO, Wilson Costa. *Jornalismo Ambiental: explorando além dos conceitos*. Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 15, p. 33-44, jan./jun. 2007. Editora UFPR
- CASTRO, Gustavo de. **Jornalismo literário: uma introdução**. Brasília: Casa das Musas, 2010.
- FERREIRA Jr., Carlos Antonio Rogé. **Literatura e jornalismo, práticas políticas: discursos e Contra-discursos, o Novo Jornalismo, o Romance-reportagem e os Livros-reportagem**. São Paulo: Editora da USP, 2004.
- LEFF, E. 2001. **Saber ambiental: Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis, Vozes.
- OLIVEIRA, J. R. Guedes de(Org.). **Cartas de Octávio Brandão - memória**. Florianópolis, Editora UFSC: 2005.
- PLANCHEREL, A. A. **Memória e Omissão: Anarquismo e Octavio Brandão**. 1. ed. Maceió: Edufal, 1997